

Entre o medievo e a Idade Moderna: o teatro como transição, aglutinador cultural e gerador do indivíduo moderno

Eduardo Cristiano Hass da Silva[1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Resumo: O presente trabalho analisa a passagem do teatro medieval para o da Idade Moderna, preocupando-se em identificá-lo como um fenômeno de transição histórica. Além disso, procura-se identificar o papel do teatro como estímulo ao surgimento do indivíduo moderno e como aglutinador das diferentes culturas europeias da Idade Moderna. Utiliza-se a História Cultural como referencial teórico, e a análise bibliográfica comparativa como referencial metodológico. Os resultados apresentados são parciais, uma vez que a pesquisa encontra-se em desenvolvimento.

Palavras-chave: História do teatro medieval; história do teatro moderno; história cultural.

O Teatro Medieval: O catequético e o popular

O período correspondente à Idade Média é tradicionalmente visto como homogêneo e singular. No entanto, pesquisadores contemporâneos têm mostrado as especificidades deste momento e que, as suas esferas não podem ser generalizadas, como é o caso da esfera cultural. Dentro deste campo, destaca-se o teatro, que para Luand (1986), ainda é pouco conhecido e estudado, provavelmente devido aos preconceitos ainda existentes a tudo que é medieval. Neste estudo, o teatro medieval é visto a partir de dois momentos específicos.

O primeiro momento é caracterizado como Catequético. Com a afirmação do Cristianismo como religião, seus costumes e conceitos passam a guiar o homem medieval. O teatro é visto pela igreja como profano e a dramaturgia é adaptada pelos monges e padres com a finalidade de catequizar os cristãos. Segundo Da Costa (1994), a missa contém elementos teatrais que possibilitaram o drama litúrgico e "aumentavam, assim, a familiaridade e a intimidade do povo com relação aos elementos espetaculares em desenvolvimento no interior das igrejas". (DA COSTA, 1994. p. 42). Dentre esses elementos espetaculares surge a possibilidade de encenar

[1] Graduado em História/Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrando e bacharelando em História na mesma instituição. Cursando Teatro/Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

as passagens bíblicas, permitindo que o povo torne-se apreciador desta arte, cujo apogeu ocorre entre os séculos X-XII.

As apresentações começaram a encantar cada vez mais fiéis, e entre os séculos XII-XIII o teatro vai para fora da igreja, para as praças, onde emerge o segundo momento do teatro medieval. O clero perde o poder sobre o que chegava até o povo, e o teatro passa a ser uma manifestação popular. Para LE GOFF (1992) a praça vai transformar-se num teatro e, ao falar deste teatro que floresce nas praças medievais, Da Costa (1994) afirma que ele atrai um público cada vez maior, chegando até milhares de pessoas em alguns momentos. Os atores deixam de serem apenas sacerdotes e, ao longo do período, grupos de teatro organizam-se em confrarias[2].

O Teatro na Idade Moderna: especificidades regionais e o papel do Indivíduo

Caracterizando a Idade Moderna europeia, Burke (1989) fala da existência de duas tradições culturais: a pequena e a grande tradição. Segundo o autor, a maioria das pessoas vivia com a cultura popular (pequena tradição) como única forma de cultura, enquanto uma minoria, que tinha acesso à chamada grande tradição, acabava vivenciando a pequena tradição como diversão, gerando uma verdadeira assimetria.[3] Retomando a classificação de Redfield, Burke critica o conceito de pequena tradição do autor, uma vez que esta deve ser vista como plural e heterogênea, pois existiam diversas "culturas populares" (BURKE, 1989). Existiu na Idade Moderna um estilo teatral para a pequena e outro para a grande tradição? Seria o teatro um elemento aglutinador do público distinto destas tradições? O espetáculo teatral adquiriu especificidades de acordo com a região? Estes são questionamentos que emergem sobre o teatro na Idade Moderna. Enquanto na análise do teatro medieval se propôs uma classificação temporal, para o teatro da Idade Moderna propõe-se uma classificação espacial, analisando-se o teatro na península Itálica, Inglaterra, Espanha e França.

[2] Sobre o assunto, ver: DA COSTA (1994).
[3] Sobre os Conceitos de Pequena e Grande Tradição ver: BURKE (1989).

O caso italiano: A *Commedia Dell'arte*

Ao falar da *Commedia Dell'arte,* Carvalho (1994) salienta que este é um fenômeno complexo, e que se deve tomar cuidado com simplificações feitas ao estilo. Segundo ela, as origens deste estilo remontam ao século XVI, tendo seu auge no XVII e declínio no XVIII. Para Carvalho (1994), o estudo da *commedia dell'arte*[4] deve atentar para o processo de formação das primeiras companhias, que fornece informações sobre os fundamentos do estilo. O primeiro registro de constituição de uma companhia remonta ao dia 25 de fevereiro de 1945, em Pádua, na Itália. A formação das primeiras companhias ocorre justamente em um contexto de crise econômica da Itália, onde as dificuldades financeiras levaram pessoas de diferentes origens sociais a tornarem-se atores. Nesta perspectiva, a *commedia dell'arte* resulta da aglutinação de elementos da pequena e da grande tradição, e de transformações resultantes do contato entre elas.

A *commedia dell'arte* é marcada pela hiperespecialização dos papéis, o que gerou tipos específicos como os Velhos (Pantaleão e o Doutor), os Servos (Zanni-Brighela e Alerquim) e os Enamorados, caracterizados pelo uso de meias-máscaras inexpressivas (com exceção dos enamorados) e pelo caráter e comportamento.

O caso inglês: O Teatro Elizabetano

O "drama extraordinário que floresceu na Inglaterra na segunda metade do século XVI e no início do século XVII" (SANTOS, 1994), é chamado de Elizabetano[5] porque a maior parte de sua existência corresponde ao período em que reina a rainha Elizabeth I (1558-1603). Santos (1994) descreve a importância que o espetáculo teatral adquire durante o reinado de Elizabeth I, que percebeu a importância da teatralidade do poder. Destaca-se o dramaturgo Shakespeare, cujas peças frequentemente trazem elementos do sobrenatural e, que para Santos (1994), é caracterizado por transitar entre o medievo e a Idade Moderna.

[4] Diferentes hipóteses explicam o nome de *commedia dell'arte*. Para mais informações, ver: CARVALHO (1994).

[5] Elementos do teatro elizabetano como a profissionalização das companhias, as companhias de crianças, os papéis femininos,as convenções, a dramaturgia e seus dramaturgos não são preocupação central deste estudo. Sobre estes temas, ver: SANTOS (1994).

A dramaturgia elizabetana estava diretamente ligada ao espaço onde seria representada,[6] podendo ser basicamente em espaços teatrais públicos ou privados. Santos (1994) argumenta que, não é verdadeira a relação de associar o teatro popular aos pobres e o privado aos ricos. Um dos exemplos que desfaz essa relação pode ser pensado a partir de Shakespeare, que possuía um teatro público e um privado.

O caso espanhol: O Teatro do Século de Ouro

Ballalai (1994) caracteriza o século XVII como o século de ouro espanhol, contando com um teatro rico, fértil e proliferador de formas e autores variados. Segundo ela, afirma-se uma literatura dramática nacional e popular, o espaço cênico evolui e o teatro passa ter uma função efetiva na vida social, interferindo no coletivo, uma vez que a sociedade da época é marcada pela representação e pelo sentido teatral no âmbito cotidiano. O teatro espanhol é marcado pela sua popularidade e pelo senso teatral, que faz da vida um palco, cujo apogeu ocorre com Lope de Vega[7] e, permite a relação constante entre a aristocracia e o povo, onde noções de espetáculo e de espetacularidade misturam-se fortemente.

Os espaços do teatro espanhol poderiam variar. Os *currales* eram um tipo de teatro que contavam com o palco nu, enquanto os teatros particulares feitos na corte tinham o espetacular levado ao máximo, utilizando-se de diversos espaços do palácio como cenários. Segundo Ballalaia (1994), esse teatro podia contar com todo um aparato cênico, composto por maquinarias que interferiam na estrutura dramática.

A Espanha utilizou-se da teatralidade como forma de negar o momento em que viviam, e acabou gerando a aproximação da aristocracia e do povo, que em momento de crise generalizada, passavam a ter anseios muito próximos. O teatro corroborou para a estranha unificação social espanhola, que aglutinava os diferentes estratos sociais em torno do imaginário teatral.

[6] Sobre a estrutura e a forma do palco elizabetano ver: SANTOS (1994)
[7] O conceito de comedia do teatro espanhol é diferente do conceito de comédia para os gregos. Sobre, ver: BALLALAI (1994).

O caso francês: A Tragédia Clássica e Comédia de Caracteres

Segundo Betrold (2001), o teatro francês do século XVII é marcado pela discussão em torno da regra das três unidades de Aristóteles e do Verso Alexandrino que, interpretados de forma específica pelos franceses proporcionaram o desenvolvimento da *tragédie classique*.

Diversos dramaturgos destacaram-se no contexto francês, como Pierre Corneille e Jean Racine que, segundo Betrold (2001), conduziram o verso alexandrino com elegância e soberania. Ao falar das obras de Racine, a autora salienta que ele escreveu tragédias bíblicas, como a de Esther e uma baseada no Livro dos Reis. Outro dramaturgo de destaque para a autora é Molière, que foi profundamente influenciado pela *comédie italienne* e foi o criador da comédia de caracteres dando-lhe uma vida nova. Atuou em mais de trinta papéis das peças por ele escritas, tendo morrido no dia 17 de fevereiro de 1673, no palco, interpretando Argan, em *O Doente imaginário.*

Conclusões parciais

As reflexões levantadas neste estudo permitem algumas conclusões que ainda estão sendo elaboradas, uma vez que a pesquisa encontra-se em fase inicial. Ao discutir sobre o teatro no medievo, observa-se que poucos estudos preocupam-se com o mesmo, que tende a ser desprezado pelo simples fato de ser medieval. As reflexões levantadas mostram que o teatro da Idade Média não pode ser considerado retrógrado. É certo que se difere do teatro grego e romano, uma vez que está localizado em outro espaço-temporal e em uma sociedade diferente daquelas da Antiguidade Clássica. Deve ser pensado a partir do contexto onde se insere, e não daquele tido como o ápice da cultura ocidental pelos renascentistas e iluministas.

Pensado em seu contexto, o teatro medieval pode ser dividido em dois momentos: um período catequético e outro popular. O Teatro Catequético, cujo apogeu se da entre os séculos X-XII, insere-se no contexto de afirmação do cristianismo como religião oficial, que se utiliza do teatro como forma de cristianizar e catequizar o povo. As representações religiosas começaram a atrair um público cada vez maior, e a solução encontrada foi ocupar as praças. A partir de então, o clero

perde o controle do que chegava ao povo, e o teatro catequético transforma-se em uma prática popular, principalmente entre os séculos XII-XIII.

Embora os Renascentistas acreditassem ter rompido com o mundo medieval, a análise do teatro na passagem do medievo para a Idade Moderna não pode ser visto como uma ruptura. Assim como o teatro das praças e feiras medievais proporcionou o contato entre diferentes estratos sociais e culturais, o teatro da Idade Moderna continua e aprofunda este contato.

Ao falar da existência de diferentes culturas na Idade Moderna, Burke (1989) divide-as basicamente em Pequena e Grande Tradição. O estudo mostra que o teatro proporcionou o encontro entre essas tradições. Pensando o teatro da Idade Moderna a partir de uma classificação por regiões, salienta-se quatro formas teatrais especificas: italiana, espanhola, inglesa e francesa.

No caso do teatro italiano, algumas das suas especificidades foram o caráter heterogêneo do público e a diversidade dos sujeitos que compunham as companhias. Tendo se desenvolvido em um momento de crise, a *commedia dell'arte* aglutinou em suas trupes membros de diferentes estratificações sociais. Na perspectiva de Burke (1989), poderíamos falar de uma aproximação entre a Pequena e a Grande Tradição.

Assim como a *commedia dell'arte,* o teatro elizabetano também proporcionou a aproximação entre a cultura popular e a erudita, mesmo com a existência de teatros públicos e privados. Neste contexto, Shakespeare foi um importante dramaturgo e, segundo Santos (1994) é caracterizado por transitar entre elementos do medievo e da Idade Moderna, o que corrobora para a hipótese de pensar o teatro a partir de uma perspectiva de transição, e não de ruptura. Além disso, ao destacar-se em meio aos dramaturgos e ser lembrado ao longo dos séculos, Shakespeare pode ser usado para pensar um novo elemento do teatro e da sociedade da Idade Moderna: o surgimento do indivíduo. Segundo Delumeau (1994), "A promoção do indivíduo foi, pois pelo menos ao nível mais elevado da sociedade, uma das características principais da civilização europeia no momento em que esta se afasta das margens da Idade Média". (DELUMEAU, 1994. P. 45)

O teatro do século de ouro espanhol também proporcionou a aproximação entre os diferentes estratos sociais. Dos espaços teatrais, os *currales* parecem ter sido o

que melhor desempenharam este papel, mesmo com a distribuição de seus lugares feitas por renda e pelo lugar na sociedade. O destaque se sujeitos como Lope de Vega, assim como no caso inglês, reforça a ideia da afirmação do indivíduo na sociedade da idade Moderna.

Para finalizar, chama-se à atenção para o teatro francês da Idade Moderna, que permitiu o destaque de indivíduos como Corneille, Jean Racine e Molière. Embora o público destes espetáculos ainda não tenha sido analisado, o destaque que recebem alguns de seus dramaturgos mostra a afirmação e a legitimação do papel do indivíduo da sociedade da Idade Moderna, onde "todos os laços são desfeitos, todas as correntes são quebradas, todas as unidades destruídas. (...) surge o homem moderno". (DELUMEAU, 1994. p. 37).

Referências

BALLALAI, Vanessa. O Teatro do Século de Ouro Espanhol. In: **O Teatro através da História**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; ENTOURAGE Produções Artísticas, 1994. 2v.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, Angela Materno de. A Commedia Dell'arte. In: **O Teatro através da História. Rio de Janeiro**: Centro Cultural Banco do Brasil; Entourage Produções Artísticas, 1994. 2 v.

DA COSTA, O Teatro Medieval. In: **O Teatro através da História**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; Entourage Produções Artísticas, 1994. V.2.

DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1994.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: nascimento do ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAUAND, Luiz Jean. (org. e trad.) **Educação, teatro e matemática medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LE GOFF, Jacques. **O Apogeu da Cidade Medieval. Martins Fontes**. São Paulo: 1992.

MARQUES, Adehmar. EtAlli. **História Moderna através de Textos**. São Paulo: Contexto, 1989.

SANTOS, Marlene Soares. O Teatro Elizabetano. In: **O Teatro através da História**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; ENTOURAGE Produções Artísticas, 1994. 2 v.